

Desenvolvimento Rural Sustentável e Gerações¹

Mauricio Antunes Tavares
Fundação Joaquim Nabuco
mauricio.antunes@fundaj.gov.br

Aí cheguei até meu avô. Meu vô já é um senhor de idade e ele tava colocando fogo numa coivara. Aí cheguei pra ele e disse: “vô, não faça isso não, que o senhor vai tá prejudicando a terra do senhor”. Ele olhou pra mim e falou que em setenta anos ele nunca tinha chegado a uma pessoa pra dar um conselho desse e porque era que “*um cego recém saído de um ovo*” ia fazer ele mudar de opinião. Aí pronto! Aí eu me senti totalmente constrangido com essas palavras que ele disse, porque eu sabia que ele tava certo, mas ele não tinha tomado conhecimento que aquilo era errado. Aí eu continuei falando com ele. Hoje ele parou de queimar, mas minha tia e meus primos não. (*Ranulfo, 18 anos, entrevista ao autor, 2007*)².

Ranulfo é um jovem de 18 anos, morador do município de Ibimirim (Sertão do Moxotó, Pernambuco), que fez curso de Agente de Desenvolvimento Local (ADL) e trabalhou como educador ambiental numa associação que realiza projetos culturais, de reflorestamento, de reciclagem e de agroecologia. Neste trecho de seu depoimento, ele fala da reação dos familiares quando assumiu uma posição pró-ativa na família, deixando a condição de ajudante-aprendiz-passivo para cooperador-conhecedor-ativo. Tentando ensinar aos mais velhos coisas que ele aprendeu e que se confrontavam com práticas da agricultura tradicional, o testemunho revela uma situação de tensão entre gerações, sentida por ambas as partes e que gerou diferentes reações das pessoas.

Começamos pelo avô. A reação do velho se situa em um código moral que ele crê inviolável, sentindo-se desrespeitado quando um jovem deseja ensiná-lo a fazer

¹ Texto apresentado no III módulo do curso da Escola Nacional da CONTAG – Regional Nordeste, realizado em Barra de São Miguel (AL), de 14 a 19/10/2009.

² Os depoimentos fazem parte da pesquisa que culminou em minha tese de Doutorado em Sociologia, orientada pela Profa. Maria de Nazareth Wanderley, cujo título é “Caminhos cruzados, trajetórias entrelaçadas: vida social de jovens entre o campo e a cidade no Sertão de Pernambuco” (UFPE, 2009).

algo diferente. Esse sentimento vem de um código moral que torna equivalente a hierarquia de idade e a hierarquia de saber. Nesse código tradicional, o jovem agricultor será aprendiz do velho agricultor, e assim a relação de aprendizado é vista como uma via de mão única.

O jovem Ranulfo expressa sentimentos ambíguos com a situação. Conhecedor da tradição que atribui aos mais velhos a responsabilidade por iniciar os mais jovens na agricultura, ele se constrange com a reação do avô, demonstrando compreender o que motivou essa reação. No entanto, a partir da sua própria experiência de vida ele também sabe dos limites desse código moral. Na experiência de aprendizagem que ele teve, no curso de ADL, todos são considerados sabedores e o jovem é incentivado a socializar os conhecimentos que têm em sua família e comunidade. Por isso, Ranulfo reconhece como legítima a reação do avô, porque sabe que essa legitimidade vem de um código tradicional que ele conhece, pois foi formado nele, mas conhece também os limites desse código e não se conforma em deixar tudo como está. É por isso que apesar do constrangimento, ele não abre mão da posição que ele tem nessa questão, e continua insistentemente falando com o avô, até que esse compreenda o que ele quer ensinar. Até que o velho, tempos depois, aceita o ensinamento do jovem e passa a praticar aquilo que este o ensinou, e isto é um reconhecimento de que aquele jovem é sabedor também das coisas da terra.

Mas esse ganho na relação com os mais velhos não é compartilhado por outras pessoas adultas da família. A tia, de uma geração intermediária entre o jovem e o velho, não acata o que o jovem Ranulfo diz. Tampouco os primos, da mesma geração que ele, deram ouvidos ao que disse, como que nos mostrando que a menor diferença de idade nem sempre se traduz em maior entendimento entre as pessoas.

Esse depoimento exemplifica o que convencionalmente chamamos de “problema das gerações”, que diz respeito à entrada dos mais jovens num mundo dominado por adultos. E revela também a questão das diferentes visões de mundo, ou seja, de como as pessoas entendem o mundo e o seu papel neste mundo, pois daí derivam alguns problemas de relacionamento entre as pessoas, sejam de gerações diferentes, sejam da mesma geração.

Processos de formação das novas gerações de agricultores e a questão da sucessão

No depoimento de uma jovem de 19 anos de idade que mora em um antigo povoado sertanejo, podemos ver novamente como as questões de geração e de visões de mundo pesam na situação dos jovens.

Aqui ninguém vive de agricultura. Tem muita água, e todo mundo que vem aqui comenta: *“como é que vocês que moram num lugar desse, que tem água abundante, não vivem da agricultura?”* [...] Os mais velhos foram morrendo os mais novos foram nascendo, foram crescendo, foram se desinteressando porque diziam que trabalhar da agricultura não dava certo. Não dava pra sobreviver. Vinha com aquela coisa na cabeça [...] As gerações já passadas... nossos pais que começaram a se desinteressar. Se eles tivessem interesse de ter crescido e ter dado o ensino pra nós continuar, aí isso progredia. Mas como eles começaram a se desinteressar, os jovens que vão vindo vão se desinteressando muito mais. Daqui a uns anos aqui nem nós vai ter mais [...] Falta às pessoas se formarem e não pensar só em si [...] Aprender todos juntos. Aqui é um lugar que se todo mundo se unisse dava pra crescer [...] Tem essa lagoa que é muito conhecida por aí por fora, muita gente conhece. Tem esse mineradorzinho de água. Se as pessoas se juntarem pra ajeitar, plantar, dá muito bem [...] com o conhecimento dá muito bem pra pessoa sobreviver. Mas se você não souber, não dá de jeito nenhum. (Kelly, 19 anos)

Puiú hoje vive somente agricultura de subsistência. Antigamente havia mais de uma dezena de engenhos que moíam cana por três a quatro meses ao ano fazendo rapadura e mel-de-engenho. Até meados do século 20, Puiú, assim como os povoados de Moxotó e Jeritacó, e tal como muitos outros povoados sertanejos, havia se desenvolvido com base nos engenhos de rapadura e nas fiações de algodão, atividades que mantiveram o dinamismo do lugar. Essa época acabou já faz algum tempo e a população local, cada vez mais composta por uma maioria de velhos e de crianças, diminui progressivamente e, como consequência, a vida social torna-se cada vez mais desinteressante para os jovens. Basta saber que na Igreja de Puiú, fundada em 1812,

em 2007, quando estive lá fazendo esta pesquisa, estava há 6 anos sem celebrar um casamento de jovens da comunidade.

Kelly acha que quem primeiro se desinteressou pela agricultura foram as pessoas da geração dos pais dela, porque da geração dos avós, ela sabe que havia muita moagem de cana, como foi confirmado por pessoas idosas com quem conversei. A idéia de que a agricultura em Puiú não é viável foi sendo construída de uma geração para outra, sendo reforçada pelo movimento migratório dos que deixaram Puiú, como o próprio pai de Kelly. Mas Kelly não deixa de atribuir responsabilidade aos jovens da sua geração, entendendo que deveriam aproveitar os incentivos que o governo atual vem dando aos agricultores familiares, em vez de ficar vivendo à custa do dinheiro dos aposentados e do Bolsa-família, em sua opinião. Isto mostra o reconhecimento, pela jovem, de que cada tempo tem o seu desafio, a sua própria dinâmica e, apesar do “peso” da herança do passado, o tempo presente também é resultado das opções de quem vive nele.

O que Kelly deslumbra para sua vida é estudar e sair de Puiú, porque não acredita na possibilidade do desenvolvimento local em um lugar que, pelo que diz, as pessoas não se unem em torno de objetivos comuns e não tem interesse em buscar conhecimentos para superar as dificuldades.

O exemplo de Puiú refere-se ao problema da formação das novas de gerações de agricultores. No caso narrado, a jovem fala do legado da geração dos pais, como se tivessem encarnado o exemplo de que a agricultura não é viável para se viver naquele lugar. Além disso, quando uma geração deixa o trabalho na agricultura, a geração seguinte, se não tiver como recorrer aos mais velhos para aprender, pode repetir erros que com um pouco de conhecimento poderiam evitar.

Para muitos jovens agricultores, ainda hoje, o que aprenderam da tradição camponesa e constitui na principal fonte de conhecimentos sobre a agricultura. É o caso de Márcio, um jovem de 25 anos que mora no povoado de Poço do Boi, cujo testemunho fala da importância do aprendizado junto com seu pai:

A gente mora numa região pobre fraca de condições e a gente começa cedo, sempre a ajudar o pai. E eu acho que umas das coisas que hoje em dia incentiva muito o jovem é iniciar aprender as coisas trabalhando com o pai. Porque hoje eu vejo muito criança não poder trabalhar. Não pode trabalhar no serviço pesado, mas o pai tem que levar pro serviço pra ensinar ele a ser gente. Quando ele ficar homem ele sabe como é que se faz o serviço e se torna um homem que aprenda a trabalhar, tenha a coragem de trabalhar. Que se não ensinar isso ele nunca vai aprender, que depois de velho não aprende. *(Marcio, 25 anos, agricultor, Poço do Boi).*

Marcio foi iniciado nesse código moral do agricultor: aprender a trabalhar é a principal herança do pai para o filho, porque também é aprender a viver. Mas este ainda é o primeiro passo, e não se pode esperar que dessa única fonte de conhecimento venha soluções para todos os problemas que hoje desafiam o agricultor familiar. Márcio fala de seu esforço para estudar até completar o Ensino Médio, mas não faz nenhuma consideração negativa entre a situação de trabalhar e estudar simultaneamente. Em sua narrativa, repetidas vezes ele utilizou a palavra conhecimento para falar de coisas que vem fazendo, diversificando as atividades. Márcio combina a agricultura com a criação de animais de pequeno porte, demonstra conhecimento sobre as vantagens de associar a criação de bode e de ovelha e ainda estava participando de uma experiência de piscicultura e liderando uma associação de reforma agrária. Tudo isto ele atribui seja ao conjunto dos conhecimentos que ele foi construindo ao longo de seus 25 anos de idade, desde o que ele aprendeu com o pai, até o que ele aprendeu na escola e em outros cursos que ele fez, passando pelo aprendizado na prática.

É preciso considerar que o aumento da escolarização nos jovens rurais, bem como o acesso a outras formas de conhecimento através de cursos, presenciais ou à distância, faz com que as atuais gerações de jovens sintam-se menos “aprendizes” passivos e mais “co-participantes” na construção do conhecimento, inclusive no aprendizado da agricultura. Isto pode ser visto em situações onde os jovens “aprendizes” questionam os adultos “mestres” sobre seus conhecimentos, colocando em dúvida aquilo que lhes é ensinado, como vem acontecendo nas escolas.

Mas também isto acontece nas situações de aprendizagem pelo trabalho, como no caso de Ranulfo. Para que haja o reconhecimento ao saber da geração mais nova, num processo de educação pelo trabalho que afirma a autoridade e a identidade dos mais velhos, é muito comum que haja conflito. Em situações onde é difícil para os mais velhos reconhecer que certas práticas, idéias e comportamentos que estão arraigados e são repetidos por várias gerações, não são mais aceitos pelas pessoas das gerações mais novas, os conflitos tendem a se instalar, tornando complexos os processos de sucessão familiar no caso das famílias de agricultores.

Essa geração jovem reivindica reconhecimento. O jovem hoje quer deixar de ser visto pelos mais velhos numa dimensão única, como aprendiz, e ser reconhecido como “ser que sabe”, que é capaz. Sem este reconhecimento as relações entre mestres e aprendizes, professores e alunos, pais e filhos, tenderá ao conflito.

Por este motivo, a formação dos jovens através do trabalho, como ainda vem sendo feita na agricultura familiar, nem sempre tem sucesso. Esse tipo de formação, tanto têm formado novos agricultores, quanto tem deixado, também, um grande número de possíveis agricultores pelo caminho. O que se pode perceber é que a socialização pelo trabalho ainda ocorre, e continua a ser considerada positivamente, inclusive entre jovens, mas não é, certamente, um caminho fácil e certo para assegurar a sua permanência na agricultura, que depende de uma conjugação de muitos outros fatores.

Um fator importante que vai pesar na decisão do jovem de permanecer ou não na agricultura é a questão da sucessão hereditária. Na agricultura familiar, muitas vezes o jovem fica na posição de aprendiz, ou ajudante, até que ocorra a sucessão hereditária. Se esta demorar muito tempo para acontecer pode provocar o desinteresse do jovem, por permanecer nessa condição de subalternidade e dependência, numa fase da vida em que a busca por autonomia e independência é fundamental.

Normalmente os pais esperam que um dos filhos fique como sucessor daquela propriedade. Os outros filhos e filhas deverão receber sua parte na herança de alguma outra forma e procurar outro meio de sustento. Os jovens da agricultura familiar, então, devem conciliar os objetivos coletivos desta com o projeto de emancipação

individual, podendo elaborar seus projetos dentro ou fora da agricultura, sendo comum que apenas um mantenha a posse do estabelecimento familiar, uma vez que a maioria destas propriedades é indivisível. Na prática as alternativas não são muitas: encaminhar os filhos para permanecer como agricultor – seja como sucessor ou como responsável por outra propriedade conquistada – ou apóia-los em seu desejo de mudar de profissão, seja na própria localidade, seja mudando para uma cidade, próxima ou distante.

As disposições dos jovens: ficar ou sair tem a ver com o campo de possibilidades

Maria de Nazareth Wanderley (2006) empreendeu uma pesquisa com 615 jovens moradores das áreas rurais de três pequenos municípios de Pernambuco³ – entre 22 e 28 mil habitantes à época –, cada qual bem diferenciado em relação à situação morfológica e sócio-cultural – Glória do Goitá, na Zona da Mata; Orobó, no Agreste e Ibimirim, no Sertão. Em comum entre esses 3 municípios há o fato da ausência de indústrias, resultando na pouca variabilidade na oferta de trabalho não-agrícola e, ainda mais um ponto em comum, a fragilidade das atividades agrícolas locais, na época da pesquisa, apresentando baixa inserção na dinâmica econômica regional. Tais características desses municípios provocam grande impacto na vida dos jovens, que permanecem altamente dependentes da capacidade de produção da família. Apesar dessas características comuns, há outros fatores apontados na pesquisa que demonstram a heterogeneidade dos contextos: a) na diferença da estrutura fundiária, mais concentrada em Ibimirim do que nos outros dois; b) na presença de um Projeto de Irrigação iniciado entre o final dos anos 1970 e início dos 80 em Ibimirim e malgrado na década de 1990 devido ao esgotamento do açude; c) nas distâncias dos municípios em relação a municípios maiores, sendo Ibimirim mais distante desses; d) nas distâncias internas das vilas e sítios com a sede do município, aspecto em que Ibimirim também se destaca pelas grandes distâncias; e) na variedade da produção agrícola, bem menor no município sertanejo que nos outros dois.

³ “Juventude Rural: vida no campo e projetos para o futuro”. Recife: UFPE; Brasília: CNPq, 2006.

Entre os resultados da pesquisa foram constatados diferentes tipos de disposições dos jovens em relação ao lugar onde desejariam viver futuramente:

- a) metade dos jovens pesquisados em Ibimirim desejava continuar morando na sua comunidade, uma proporção ligeiramente maior que nos outros dois municípios;
- b) a opção de migrar para outro município ou região do país foi considerada por 1/3 dos jovens de Ibimirim, por praticamente a metade dos jovens de Orobó e por 43% dos jovens de Glória do Goitá.
- c) a última opção na escala dos desejos dos jovens rurais pesquisados seria mudar para a sede do próprio município onde vivem (cerca de 16% dos jovens pesquisados em Ibimirim; 14% em Glória do Goitá e 4% em Orobó).

Esta última opção – “mudar para a sede do município” – pode ser relacionada justamente ao fato de que jovens da zona rural têm um contato freqüente com a sede do município – 85% dos entrevistados iam à cidade regularmente. Pode estar relacionada também com a heterogeneidade das situações de moradia, devido às distâncias para o acesso à cidade, ou ainda estar relacionada ao entendimento de que “a cidade é um bom lugar para morar”: 23% dos jovens responderam desta forma à pergunta sobre como percebiam a cidade.

A conclusão desta pesquisa aponta para a necessidade de estabelecer uma “tipologia dos contextos” para evitar uma abordagem homogeneizante da vida e dos projetos dos jovens rurais”, o que poderia ajudar a entender os desejos manifestados entre os jovens de “ficar” ou “sair” do campo. Isto poderia trazer mais luzes às questões relacionadas aos projetos e sonhos dos jovens para o futuro. Poderia elucidar, por exemplo, o porquê que os jovens rurais de Ibimirim – onde praticamente a metade expressou o desejo de permanecer no campo –, ao responder se acreditam na possibilidade de realizar os seus projetos onde vivem, 58% afirmaram não acreditar que possam realizá-los permanecendo em suas comunidades.

Falar em tipologias dos espaços rurais, como propõe Wanderley (2006), implica em considerar as trajetórias de desenvolvimento de cada lugar enquanto processos históricos que constituíram as situações dos lugares de viver, entrelaçando condições

internas específicas de cada lugar e as de cada lugar com o exterior, qual seja, com a sociedade regional, nacional e internacional.

As transformações que vêm ocorrendo no campo colocam em perspectiva a possibilidade de analisar o rural como uma variedade de lugares com diferentes graus de complexidade nas relações sociais, devido às inúmeras interdependências estabelecidas pelos indivíduos que ali habitam e às interdependências entre o local, o regional, o nacional e o global.

Tal tipologia é um primeiro passo para se fazer uma cartografia das oportunidades de mobilidade social para os jovens nos lugares onde vivem. Sem perspectiva de ter a sua própria terra, sem perspectiva de poder tomar conta do negócio a não ser quando o pai se aposentar definitivamente, não haverá perspectiva de mobilidade social e de desenvolvimento local sustentável. Para haver maior inclusão de jovens no desenvolvimento local, é preciso que tanto a família, quanto a comunidade e o Estado abram oportunidades para a inserção dos jovens na sociedade “adulta”, a do mundo do trabalho.

Neste contexto, os projetos sociais voltados para os jovens desempenham um papel importante. Desenvolvidos por organizações não governamentais ou órgãos governamentais, os projetos sociais para jovens buscam fomentar o “protagonismo” dos jovens em suas comunidades. Por protagonismo devemos entender vários tipos de situações em que os jovens podem estar na liderança, ou serem liderados, mas sempre sendo responsáveis por ações que vão, simultaneamente, contribuir em sua formação e contribuir com o desenvolvimento comunitário.

Para os jovens que participaram desses projetos é estimulante a possibilidade de ampliação dos conhecimentos através do estudo combinado com ações práticas e coletivas, de serem desafiados a assumir responsabilidades e definir o caminho próprio que vai seguir, como mostram os depoimentos seguintes.

[...]diziam assim pra gente: “seja responsável por si próprio, nunca tenha medo de fazer”. Aí eu fui aprendendo. Aí eu comecei a administrar, porque quem administrava mais era mãe. [Mãe] Comprava o leite, a gente vendia, e ela fazia todos os contatos. Aí depois eu comecei a pensar em ser

responsável por si próprio, de nunca ter medo de fazer e fui trabalhando. Agora eu sou administradora. Ela [a mãe] de vez em quando dá um conselho, avisa e tal, ajuda, orienta, mas eu administro. Depois do Serta a minha cabeça mudou muito. Porque eu aprendi a ter responsabilidade (Rita, 19 anos, agricultora)

Às vezes as pessoas falam: “o pessoal fez sua cabeça pra você gostar dessas coisas”. Isso o povo fala aí né, mas não é não. Eu também penso às vezes e paro: será que foi isso mesmo? Será que eu estou sendo... o pessoal tá mudando as minhas idéias. Mas não, eles em momento nenhum falaram vá faça isso, faça aquilo, isso não. Eles ensinaram a gente a ter mais... eles ensinaram a gente a olhar mais pra nosso interior. Saber o que se passa na nossa cabeça, assim, raciocinar mais, refletir mais. Eu passei a refletir. (Evaldo, 20 anos, digitador, filho de agricultores)

Nestes projetos, os jovens participam em ações que estabelecem um diálogo entre as questões da agricultura e da vida do agricultor, com as questões mais amplas da sociedade e de particular interesse para o jovem, tal como às questões de gênero, sexualidade, drogas, desenvolvimento. Ele participa das ações culturais e esportivas, de festivais e competições e de cursos de formação em diversas áreas, agrícolas e não agrícolas. São espaços que criam novas redes de interlocutores, conectam jovens de várias partes, através de intercâmbios e participações em eventos, ou através da internet.

Ao contribuir para ampliar o universo cultural dos jovens e do conhecimento de tecnologias alternativas de produção, essas organizações ajudam a valorizar o papel que os jovens desempenham em suas comunidades, ou que podem desempenhar quando são dadas oportunidades. Elas são novas agências de socialização que atuam articuladas às agências tradicionais, principalmente a escola e a família, mas que trazem inovações pedagógicas, políticas e culturais para os jovens desses lugares, ampliando as oportunidades de aprendizado e sociabilidade para os jovens, e de desenvolvimento para a comunidade.

As oportunidades e as incertezas: o campo de possibilidades para os jovens

Um jovem de uma família de agricultores que vive em área de sequeiro, apesar de morar numa casa de taipa simples, com pouco mobiliário e poucos aparelhos, expôs uma condição “cômoda” no que diz respeito a ter assegurado as condições mínimas de sobrevivência, no entanto, o que esse tipo de agricultura oferece para ele não é o que ele espera para si próprio. Ele disse assim:

Graças a Deus não me falta nada. Seu eu trabalhar tem, se eu não trabalhar graças a Deus não falta nada pra mim. O que eu prefiro mesmo é ganhar, viver ganhando do meu trabalho do que ficar encostado dentro de casa dependendo dos velhos. Eu não. Mas não é minha praia mesmo a agricultura. Eu gosto, mas, não vejo o meu futuro na lei da agricultura e tudo mais... não dá não. Inclusive, quando eu for pra longe, se Deus quiser eu tô indo embora caçar algum canto pra ir fazer outra coisa. Eu mesmo não dá pra ficar assim de roça não. *(Everton, 18 anos, agricultor, Sítio Lagoa do Puiu).*

A “lei da agricultura” a que o jovem se refere é essa lei “imperativa” no sequeiro: não havendo condições para irrigação, a agricultura não oferece possibilidade de pensar um futuro melhor. Mais adiante ele considera que a agricultura tem um “lado bom”, o de trabalhar para si mesmo. Logo, a agricultura que não é boa é a de sequeiro, onde se trabalha para si mesmo, mas em condições muito difíceis que não permitem mobilidade social ascendente. Mesmo tendo assegurado um mínimo social para a sobrevivência, a trajetória da família na agricultura é um dos fatores levados em consideração nesse julgamento: essa lei da agricultura é a que impossibilita a melhoria das condições de vida da família que vive há várias gerações naquela terra.

Outras trajetórias familiares geram outras avaliações, como a de uma jovem cuja família migrou de uma área de sequeiro para um perímetro irrigado, jovem que já migrou e retornou para o lugar onde vive hoje:

[...] assim... as pessoas que saíram daqui sempre voltam, eles nunca fica eternamente fora. Eles vêm, eles sempre voltam pra cá. Aí eu procuro

entender o que é que atrai tanto as pessoas de volta pra cá. Acho porque gosta do lugar que é calmo, a agricultura. Eu creio que seja mais ou menos por isso que as pessoas voltam. Por gostar e porque aqui mesmo ele estando, sendo agricultor, eles vão, eles vão trabalhar pra eles aqui. Você estando fora, você vai em busca ainda. Aí então você vai trabalhar pra outras pessoas. Você estando no seu lote, no seu terreno você vai trabalhar pra você. (Joana, 27 anos, agricultora, Agrovila 4)

A escolarização contribui para a circulação dos jovens entre o rural e o urbano e alimenta expectativas de um futuro melhor para uns, enquanto outros não vêem nela um diferencial importante para quem vai viver na agricultura. Alguns jovens ainda pensam, assim como Everton, “estudar e arrumar algum emprego que não tenha que se esforçar tanto”, mas não formulam claramente o que querem fazer, nem em termos de estudo nem de trabalho. Everton tem mais certeza do que não quer: *não vejo meu futuro na lei da agricultura não*. Kelly sabe que não quer ficar morando no Puiú e também está entre os jovens que pensam no estudo como forma de sair do campo.

eu quero estar com um bom diploma, trabalhando e na minha própria vida lá fora porque se for pra mim estudar, fazer uma faculdade pra vir morar aqui não vai adiantar de nada meu estudo, não vai adiantar nada pra vir pra cá. (Kelly, 19 anos).

As incertezas quanto à viabilidade dos planos que os jovens fazem para o futuro são muitas, principalmente porque é incerto também o tipo de oportunidades que serão criadas no lugar onde vivem. Essas incertezas levam os jovens a pensar em alternativas diferentes, caso não consigam concretizar o que pensam como suas primeiras opções, como mostram alguns depoimentos.

Porque eu acho assim... depende, por exemplo, se eu fizer uma faculdade de medicina... [...] depende do futuro, o mundo dá muitas voltas [...] Se sair o PRONAF eu fico pra trabalhar na agricultura. Mas sempre eu vou pensar em fazer a faculdade. [...] E ai vai começando devagarzinho, as

oportunidades que for tendo a pessoa vai fazendo, vai fazendo... (Rosa, 19 anos, agricultora)

Estou cursando o 2º ano e quero terminar. Se as condições forem favoráveis, fazer uma faculdade de agronomia ou então a faculdade de biologia. Eu acho que seria bem lucrativo se eu pudesse fazer a faculdade. E me dedicar no ramo da agricultura. Trabalharei um pouco mais com minha família dentro dessa propriedade e vou tentar me sustentar com minhas próprias pernas, e não ficar nas costas do meu pai e da minha mãe. (Ranulfo, 18 anos, pedreiro).

Os depoimentos desses dois jovens mostram a dificuldade de se pensar em “projetos de futuro” numa época de incertezas, em que é preciso pensar no imediato, no que fazer para garantir a vida cotidiana. Assim, a realização do projeto *depende*, se *as condições forem favoráveis, o mundo dá muitas voltas*. Como falar de futuro quando o presente é muito instável e enterrou de vez a idéia de uma transição para uma vida adulta mais ou menos estável? A transição para a vida adulta, outrora definida pelo término da escolarização, pela conquista do trabalho e com este, pela formação de um núcleo familiar autônomo já não reflete as circunstâncias reais das vidas dos jovens nos dias atuais. Não é que os jovens não tenham projetos, é que esses projetos estão “em suspensão” em uma época de incertezas, de desemprego, de crises.

Eu não gosto de pensar nessa linha. Pra mim é até estranho agora né? Eu não penso dessa forma não, mas o plano daqui pra frente é o seguinte: trabalhar na prefeitura por enquanto, se sair esse projeto eu não sei se continuava lá um tempo. Eu acho que não, eu sairia e ia pro sítio. Ia trabalhar no sítio... [...] Mas quando tivesse mais fácil, quando tivesse já bem encaminhado, a gente começasse já a pagar o projeto, tivesse tendo o nosso lucro, aí eu penso em fazer uma faculdade aqui em Serra Talhada, que é próximo. (Evaldo, 20 anos, digitador).

Assim, é melhor ter planos voltados para a situação presente e ter flexibilidade para alterar os planos de acordo com oportunidades que possam surgir: é preciso sempre ter um “plano B”.

O projeto, no discurso dos jovens, é sempre falível, incerto, inseguro, mas necessário, porque é uma dimensão do tempo presente: *“Projeto ta difícil. A gente tem que sonhar. Um cara sem sonho, sem plano, é um morto-vivo. Vai vivendo um dia depois do outro, comendo, feito os homens das cavernas”*, disse Evaldo. É diferente quando falam de seus sonhos. O sonho aponta para o futuro, mas está acima dos condicionamentos do presente. Não é ilusão, é desejo e esperança, é alimento para o ser. Não é extraordinário, nem difícil de conquistar, mesmo não estando ao alcance imediato do jovem.

Eu penso em ter uma... no futuro ter uma propriedadzinha estruturada. Aquela não, que aquela é emprestada. Mas depois que conseguir dinheiro, tenho vontade de comprar uma propriedadzinha, um sítio, bem estruturadazinha, com uma casinha, tendo uma casinha com varanda pra depois quando eu tiver véio balançar na rede. Ter um transportezinho pra mim poder vir pra cidade, nem que seja uma moto, mas, que tenha. Pronto, é isso, criar umas ovelhinhas, uns porquinhos, uma galinha, dessa forma. *(Valter, 19 anos)*

Assim eu não tenho um maior sonho. Eu gosto de ver as pessoas bem, eu me sinto bem vendo as pessoas bem e com isso aos poucos eu vou tendo alguma coisa pra mim, vou bem também... com todo mundo. *(Alice, 29 anos)*.

Eu tenho um sonho alto, de ajudar a população toda, de acabar com a corrupção, de acabar com problemas desse tipo, mas ao mesmo tempo um sonho simples, um simples. Eu gosto muito, aprecio muito estar com meus amigos, meus irmãos, de estar junto... Gosto muito daqui. Eu gosto de juntar [os amigos], de tomar cajuína mesmo, não coca-cola, tomar cajuína e comer carne de bode, sentado lá na barraca de Seu Zé Luiz, finado, mas que continua com o filho dele. A gente comer aquela tilápia lá com ele, tomar um banho de açude, pescar, caçar. Eu aprecio muito, gosto disso. De ficar na rua, andar sozinho as vezes na rua, tarde assim, e não ver perigo. Conversar com todo mundo, conhecer todo mundo. Eu gosto muito disso.

[Mauricio: E o sítio?]

Quero o sitio também. Porque no momento é o que tá dando. Tem futuro. Se não vai ter o retorno tão alto assim que me torne rico, pelo menos vai ter

o retorno muito alto que me torne uma pessoa feliz, contente com o que eu faço. Estar lá na natureza, lá no sítio, cuidar dos bichos, ver um cabrito correndo, pulando, me causa muita alegria. Eu gosto muito de ver, de cuidar, tratar bem das coisas, das plantas. Preservar lá a caatinga me deixa muito contente. Eu sou uma pessoa de desejo simples assim. Eu gosto muito disso, eu me alegro muito com coisas simples. (Evaldo, 20 anos, digitador, filho de agricultores)

Os jovens sonham. Os sonhos refletem as escolhas, o modo de ser, a visão de mundo das pessoas, do que e de quem elas gostam, dos lugares que eles desejam ficar, de como desejam viver, das coisas que elas consideram muito significativas para as suas vidas e das que não consideram importantes. Os sonhos transformam em imagens mentais as idéias que os jovens construíram sobre a vida no planeta, sobre o trabalho na agricultura, e revelam também como eles se diferenciam das gerações mais velhas. Os sonhos alimentam as esperanças, orientam as estratégias, que podem se transformar em projetos produtivos. Mas os sonhos se diferem dos projetos, eles empurram o homem para o futuro. Já os projetos colocam os jovens com os pés no chão, no sentido de que falar em projetos remete aos projetos produtivos, aos financiamentos solicitados ao banco, ao PRONAF, ao PRORURAL e aos projetos frustrados, nunca realizados, ou fracassados.

Muitos dos sonhos e projetos passam pelas atividades tradicionais: agricultura, pecuária, artesanato. Alguns jovens estão se dedicando à agricultura familiar com postura de empreendedores modernos, mostrando uma relação com o rural fundada na racionalidade do negócio capitalista. Estes privilegiam o plantio voltado para o abastecimento das agroindústrias, principalmente o cultivo da banana que é uma cultura permanente e com pouca variabilidade de preço. Alguns não vivem e nem pensam em viver na zona rural. Outros jovens buscam alinhar os dois tipos de influência, fazendo investimentos modernos, como na apicultura e na piscicultura, aliado à policultura, que é uma característica da tradição camponesa. E há ainda um terceiro caminho de jovens agricultores que permanecem presos às formas de produção tradicionais.

Outra vertente nas trajetórias de jovens é daqueles que não tem interesse na agricultura, sejam eles filhos ou filhas de agricultores, ou não. O maior problema enfrentado por esses jovens é a escassez das oportunidades de trabalho fora da agricultura. Para aqueles que não têm condições de fazer um negócio próprio, e ficam à procura de trabalho assalariado a situação é crítica, mas, ainda assim, alguns desses jovens conseguem se infiltrar no serviço público, no comércio, em serviços administrativos das associações e nos serviços sócio-educativos das ONGs. Mas há também aqueles que conseguem desenvolver iniciativas como autônomos, oferecendo serviços de manutenção de computador, cursos de computação a domicílio, aulas de reforço escolar para alunos das séries iniciais do ensino fundamental, como mecânico de motocicletas e, falando em quantidade, são muitos os que vão trabalhar como mototaxi, e, ainda alguns jovens vêm enfrentando essa situação de desenvolvimento por iniciativas próprias a partir de conhecimentos que foram apropriados por eles. É o caso, por exemplo, da área de informática, que traz possibilidades diferentes de negócio, seja para quem não tem nenhum recurso a investir, e pode dar aulas de informática; seja para aquele que tem conhecimentos e instrumental para fazer manutenção de computadores; seja para aquele que consegue um pequeno capital e monta uma *lan house* ou uma loja de diversões eletrônicas.

Na pesquisa com os jovens de 3 municípios pernambucanos coordenada pela Profa. Nazareth, na qual fui assistente, encontramos as seguintes respostas dos jovens sobre seus projetos profissionais, como se vê no quadro a seguir.

As escolhas de vida dos jovens rurais pernambucanos

Chama a atenção, inicialmente, a grande porcentagem daqueles que não souberam responder, num total de 184 (29,9% do conjunto).

As escolhas apontam em primeiro lugar, para as profissões ligadas às áreas de educação e saúde, tais como professoras, diretoras de colégio, enfermeiras, agentes de saúde (139 – 22,6%). Este é fundamentalmente um sonho feminino. De fato, do conjunto das jovens entrevistadas, 123 (31,2%) fazem esta opção profissional para o futuro, contra apenas 16 rapazes (7,2%). Da mesma forma, os adolescentes são um

pouco mais numerosos a desejarem encontrar uma ocupação nestas áreas (74 -23,3%), do que os jovens com mais de 18 anos (64 - 21,6%).

Em segundo lugar, são desejadas as profissões de empresário, administrador ou as chamadas profissões liberais (101 - 16,4%). Como no caso anterior, os adolescentes são proporcionalmente mais atraídos, num total de 63, o que corresponde a 19,8% desta faixa etária, do que os jovens com mais de 18 anos, que somam 38 (12,8%). As proporções entre os sexos são bastante aproximadas, respectivamente, 15,8% dos rapazes e 16,8% das moças. Com um pequeno peso proporcional, foram registrados, ainda, as seguintes intenções:

- a) trabalhar como autônomo em certas atividades (eletricistas, cabeleireiras, motoristas) projeto declarado por 50 jovens (8,1%), com 18 anos ou mais (31 - 10,5% da faixa etária) e quase todos do sexo masculino (42 – 19,0% dos rapazes).
- b) ser esportistas – especialmente jogador de futebol - ou artistas e modelos – atores, atrizes, cantores e bailarinas - desejo indicado por 42 jovens (6,8%), dos quais 28 são do sexo masculino (12,7% dos rapazes) e 14 do sexo feminino (3,6% das moças), em proporções semelhantes no que se refere às faixas etárias.
- c) trabalhar em atividades ligadas ao setor agrícola, expresso por apenas 28 jovens (4,6%), dos quais 11 rapazes (5,0%) e 17 moças (4,3%). As demais indicações têm um caráter muito pontual.

Algumas condições são necessárias para a realização destes projetos futuros. O mais importante, como já foi analisado anteriormente, é o estudo, indicado por 260 entrevista dos (42,3%), seguido pela necessidade de ter recursos e oportunidades (72 – 11,7%).

Fonte: WANDERLEY, Maria de Nazareth B. **Relatório de Pesquisa: “Juventude Rural: vida no campo e projetos para o futuro”**. Recife: UFPE; Brasília: CNPq, 2006.

Algumas considerações finais

É preciso considerar a individualização como parte do processo de desenvolvimento de qualquer pessoa. Tornar-se adulto, individualizar-se, construir um projeto próprio para conquistar autonomia financeira, é intrínseco à condição do jovem na família. A escolha do jovem de família camponesa por um projeto fora da agricultura não deve ser reduzida simplesmente a uma negação do projeto familiar. Por um lado, dadas as condições desfavoráveis de acesso a terra para os agricultores pobres brasileiros, e por um lado, considerando as transformações da sociedade como um todo e do mundo rural especificamente, com maior integração entre campo-cidade e a facilitação do acesso aos bens rurais para as populações do campo, é compreensível que atualmente, o interesse dos jovens reflita esta mudança cultural e as possibilidades de conquistar autonomia através de um projeto de individualização que passa pela educação e pelo trabalho assalariado, como já afirmou Durston (1998).

Mas também é necessário reiterar que esses processos de individualização e de escolha profissional podem sim gerar fortes tensões e conflitos familiares. Isto por que muitas famílias não conseguem assegurar os meios necessários para a efetivação do projeto do jovem, e também em situações onde o chefe de família espera que este momento da vida dos filhos se transforme no momento de “máxima possibilidade de escapar da pobreza (mediante a ajuda de filhos e filhas, noras e genros)” e aí choca-se com o “o máximo interesse dos filhos e filhas em concretizar e adiantar a ruptura desta relação de dependência e controle” (Durston, 1998: 11)⁴.

Klaas Woortmann (1990, p.54) faz uma análise semelhante, considerando que :

o coletivismo interno da família tem sido um dos fatores de permanência do campesinato através da história, mas hoje, ele parece se chocar com projetos individuais. Tal coletivismo expressa a oposição entre o “nosso” e o “do outro”, supondo a subordinação do destino individual à coletividade, ele pode se tornar uma das fontes de crise do campesinato.⁵

⁴ DURSTON, John. *Juventud rural em Brasil y México: reduciendo la invisibilidad*. Santiago do Chile: CEPAL, 1998b. Disponível em: www.cinterfor.org.uy.

⁵ WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v. 7, n.1, p. 35-53, jan/jun. 1990.

O bloqueio de oportunidades para a ascensão social dos jovens é um dos principais desafios para promover o desenvolvimento local sustentável, uma vez que a fixação dos jovens no local de origem é uma das principais estratégias para se assegurar as condições de reprodução de qualquer grupo social, a não ser em lugares onde exista bloqueio das condições mínimas necessárias à reprodução social, ou seja, bloqueio à produção de alimentos.

As oportunidades começam a se ampliar com a diversificação da produção agrícola e da estrutura do mercado de trabalho, com o crescimento do setor de serviços. Apesar disto, em muitos lugares o campo de possibilidades para os jovens ainda continua muito restrito. Em alguns lugares, no entanto, percebe-se, embora as dificuldades ainda sejam grandes, que comparativamente à situação dos seus pais, os jovens estão um pouco mais livres das amarras que faziam da vida de seus antepassados agricultores, bastante insegura e previsível no que se refere às opções de trabalho para os jovens: ou era a agricultura, ou a migração compulsória.

Hoje, há um contingente grande de jovens que desejam ficar morando no lugar que nasceram, seja no campo, seja na sede do município. E para isto se tornar realidade é preciso ampliar o campo de possibilidades através de políticas públicas amplas, seja na educação, na cultura e na geração de emprego e renda.